

MEMÓRIA DA 1ª OFICINA SOBRE INDICADORES, REALIZADA NO RIO DE JANEIRO PELO GT/INDICADORES DA PLATAFORMA NOVIB, nos dias 13,14,15, DE SETEMBRO DO ANO 2001

O presente documento é a versão inicial elaborada pela Aditepp, para ser enviada aos Membros do GT/Indicadores, a fim de que os mesmos acrescentem novas contribuições e/ou reformulem esta versão inicial. Ele procura ser um registro daquilo que mais se destacou e foi debatido durante a Oficina. Não é um resumo do texto “Um panorama sobre o Estado da Arte do Debate sobre Indicadores” trabalhado durante a mesma, embora os destaques sejam muitas vezes ilustrados com referências extraídas do texto; tampouco é um resumo dos passos cronologicamente desenvolvidos durante os três dias de trabalho; a referência aos debates e questões apresentadas pelos grupos é evidenciada a medida em que caracterizam idéias e preocupações coletivamente expressadas pelos participantes.

1. Natureza do trabalho do GT/Indicadores

- Trabalhar para desenvolver uma Metodologia de Construção de Sistemas de Indicadores; o objetivo do desenvolvimento desta metodologia de construção, é para que sirva de instrumento e apoio aos trabalhos desenvolvidos pelas ONGs, integrantes da Plataforma Novib, em seu esforço de constituição de cidadania ativa e de democratização no enfrentamento da exclusão social e pobreza. Não se trata portanto de elaboração de indicadores, mas de desenvolver um instrumental que facilite às instituições a construir seus sistemas de indicadores, e/ou aperfeiçoarem aqueles sistemas que vêm adotando.

1.1. O que se quer dizer com “metodologia” :

- Um processo, no qual se articulam de forma encadeada, conceitos e referenciais teóricos (por ex: conceitos sobre desenvolvimento, cidadania, exclusão, pobreza, qualidade de vida, políticas participativas, Democracia, Estado, etc. etc., dependendo do enfoque sobre o qual centramos nossa missão institucional e

programática), com procedimentos práticos, sistematizados e organizados dentro de determinados objetivos e resultados que se pretende alcançar. A metodologia assim compreendida, enquanto processo, envolve um conjunto articulado de referências, que permitem “casar” de forma dinâmica teoria e práxis, contextualizá-las e, neste processo, agregar sempre novas referências e variáveis ao trabalho que se realiza.

1.2. O que se quer dizer com “construção de sistemas de indicadores” :

- Um conjunto de diferentes tipos, qualidades e processos de uso de indicadores que se fazem necessários para atender aos interesses e necessidades das ONGs.
- Uma mesma organização ou um conjunto delas podem demandar diferentes sistemas com distintos enfoques e ênfases, em função dos vários objetivos, relações e pactos que estabelecem. (texto página 47).
- Um sistema de indicadores traria em si o resultado de escolhas baseados em vários aspectos:
 - a) Concepções, interesses e enfoques das organizações envolvidas
 - Um sistema de indicadores é sempre resultado do processo de diálogo e negociação entre os diferentes sujeitos envolvidos. (cf.texto, pág.49).
 - b) O contexto
 - Cada organização ou projeto requer um sistema de indicadores próprio. Mesmo que o conjunto de variáveis utilizadas seja semelhante aos outros projetos, os indicadores deverão retratar as condições específicas de cada realidade. (cf.texto. pág.50).
 - c) O modo de gestão
 - quando se prioriza a dimensão do controle, a organização tenderá a evoluir para a produção de um sistema de indicadores apoiado em planilhas e dados mais quantitativos.

- quando a gestão está voltada para o aprendizado e o aperfeiçoamento numa dimensão de processo, a organização se apoiará em um sistema mais simples, com poucos, porém relevantes, indicadores. (cf. texto pág.50).

d) Recursos.

- A disponibilidade de recursos humanos, materiais e financeiros pode ser condicionante, mas não é o único; alguns indicadores de impacto, por exemplo só indicam alguma coisa, quando vistos em prazos longos. Nestes casos a questão não é tanto de recursos, mas do tempo necessário para aferir determinados impactos.

1.3 – *Limites e possibilidades do GT*

O GT deve ser compreendido dentro do contexto da Plataforma Novib. É um Grupo de Trabalho que propõe aos participantes da Plataforma (contrapartes e Agência) participarem no processo de desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores.

2. Natureza da abordagem sobre Indicadores

2.1 – *Significados atribuídos a Indicadores*

- Podem assumir significado de: marcas, sinais, evidências, mensurações, mudanças, parâmetros, processos, variações; podem também significar medidas, concretude, detalhamento, destino, metas, realidade. (cf. texto pág.4).
- indicadores não têm significado, sentido, ou quaisquer atributos intrínsecos, neles mesmos, mas apenas quando situados nas relações e práticas sociais que os determinam, explicam e para cujos sujeitos adquirem significado, sentido e utilidade. (cf. texto pág.4).
- indicadores referem-se ao modo como um sujeito cria instrumentos ou formas de selecionar aspectos de processos de uma determinada realidade ou situação que lhe sejam significativos para dizer algo sobre como ela é determinada e como e

para onde se move, com a finalidade de entendê-la, explicá-la, intervir ou de dialogar com outros sujeitos sobre ela. (cf. texto pág.5).

2.2 – *Usos de Indicadores*

- Nos debates que têm ocorrido no interior do campo de atores formado pelas ONGs de desenvolvimento, movimentos e organizações populares e agências de cooperação, os indicadores são situados relativamente a duas práticas:

- a) como referências para o monitoramento e avaliação de organizações
- b) como instrumentos de orientação de discursos e intervenções concretas em torno de temas, situações, políticas públicas e atores. (cf. texto pág.5).

- Não existe um único modo de como os indicadores se articulam a vários aspectos e dimensões do ideário e da práxis política.
- Os atores sociais conferem centralidades distintas a aspectos, relações e dimensões que se referem a ou utilizam indicadores. (cf. texto pág.3).
- Quando se trata da interação entre vários sujeitos, sejam indivíduos ou organizações, os indicadores são parte e expressão de um processo comunicativo, pressupondo a preexistência ou a intenção de um pacto entre eles. (cf. texto pág.5).

2.3 – *Fatores que condicionam a elaboração de indicadores:*

- a) fator que diz respeito *aos paradigmas* ligados às possibilidades de compreensão do real. Na busca da explicação lógica, racional, empírica dos fenômenos físicos, químicos, biológicos, as ciências passaram a considerar apenas indicadores que fossem dotados destas características objetivas, empiricamente verificáveis, comprováveis, comparáveis, que evidenciassem com plausibilidade as relações de causa e efeito que fossem independentes dos sujeitos ou das circunstâncias. (cf. texto pág.6).

- b) fator que diz respeito às trajetórias e matrizes político-culturais dos que integram as organizações deste campo. São estas matrizes que definem nossas utopias, nossos valores, nosso *ethos* transformador, nossa possibilidade de analisar dialeticamente e globalmente os processos e nossa ênfase na clarificação das concepções que orientam as práticas. (cf. texto pág.7).
- c) fator que diz respeito ao contexto em que os debates ocorrem. A compreensão da emergência do tema indicadores como expressão das mudanças nas relações político-institucionais no campo da cooperação internacional, da globalização e fenômenos correlatos é um forte condicionante deste processo e sobre o qual há uma grande consciência. (cf. texto pág.7).
- d) fator que diz respeito às características dos atores que compõem os fóruns de debates, suas experiências e relações.

2.4 – *Questões que precisam fazer parte do desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistema de indicadores.*

- a) indicadores por quê e para quê ?
- b) quais indicadores e como? Indicadores para monitorar e avaliar projetos e instituições ou para avaliar contextos e políticas? Quais são os indicadores adequados, relevantes e pertinentes para avaliar as ações de atores específicos?
- c) indicadores de cada projeto, organização e contextos específicos ou indicadores relativos aos ideários, concepções e perspectivas coletivas? É possível mensurar através de indicadores processos e perspectivas tão complexos como desenvolvimento sustentável e cidadania? Parâmetros e referências comuns e aplicáveis para qualquer organização ou consideração das especificidades, correndo o risco da fragmentação?

- d) como identificar e produzir indicadores que sejam coerentes com os objetivos, características e estratégias de intervenção de atores se qualquer conjunto de indicadores é, necessariamente, sempre uma redução?

2.5 – *Cidadania e Democracia : eixo? ou referência comum? ou um exercício concreto de se pensar o desenvolvimento de uma metodologia de construção de indicadores.*

Qual o lugar ocupado pelos conceitos de democracia e cidadania na definição e uso de indicadores?

- a) Em que medida existe ou pode existir uma concepção de democracia e de cidadania que nos unifique e identifique; quão acabada ou delineada ela se apresenta?
- b) O que desta concepção ou de alguns de seus termos comuns a todos, deriva de diretrizes ou critérios quanto aos parâmetros de avaliação e mensuração das práticas e projetos de intervenção?

Chico de Oliveira, (cf. texto pág.9), levanta a possibilidade de avaliar o “estado” da cidadania e da democracia pela via não da mensuração de aspectos positivos que apontem para a utopia, mas pelo caminho da avaliação das “desconstruções” cidadãs e democráticas. Um caminho que se pauta não por uma escala ou horizonte, mas pela análise dos progressos e regressões, com acento em ações de múltipla cidadania, e cujo contorno seria:

- a) levar em consideração os processos de construção e desconstrução, de progressão e regressão da democracia e da cidadania, de modo a escapar de uma “teoria da acumulação cidadã” e reconhecer a multiplicidade dos processos.
- b) construir avaliações periódicas e contextualizadas do “estado das artes da democracia e da cidadania”, mediante investigações qualitativas e quantitativas em torno dos temas e situações que constituem a antidemocracia e anticidadania (por exemplo: preconceitos, discriminações, intolerâncias ligadas a questões raciais, de gênero, classes, direitos, etc.).

- c) organizar um banco de informações a partir de pesquisas empíricas em cada contexto e relatórios específicos de cada ONG acerca dos avanços, recuos e problemas relativos aos direitos humanos em sentido amplo.

2.6 - *Porque refletir sobre e trabalhar com indicadores: A emergência dos indicadores*

- Indicadores são mais do que mera imposição de inspiração neoliberal por parte dos agentes da cooperação. Eles hoje integram e instituem novas linguagens, novas mediações comunicativas que não podem ser desconsideradas. (cf. texto pág.13).
- Alguns processos que ajudam a compreender a crescente atribuição de relevância aos indicadores:

a) **Globalização, neoliberalismo e as mudanças na Cooperação internacional, o que tem levado a:**

- Descenso do debate sobre ideários e utopias e ascensão de um modo de ver “pragmático”, “operacional” e pretensamente “não ideológico” que marca o pensamento neoliberal. (cf. texto pág.13).
- Reconfiguração da cooperação internacional para fazer frente às novas exigências de legitimidade junto ao público e aos governos de seus países : implementação de Planos de Monitoramento e Avaliação (PMA); a implantação de propostas de Desenvolvimento Institucional e Desenvolvimento Organizacional (DI/DO), (cf. texto pág.13).

b) **Novas tecnologias informacionais e as mudanças na comunicação:** os indicadores, dados e opiniões não se sustentam mais apenas pela credibilidade de sua fonte, pelo seu conteúdo ou pelo modo como foram construídas.

- Surgem a “gestão da informação” e a “gestão do conhecimento” como novas áreas profissionais e de estudo. A psicologia, lingüística e a neurologia ensinam que a linguagem é formadora dos

indivíduos, base dos modos de sentir, perceber compreender e julgar o mundo que os cerca.

- Para as ONGs e movimentos sociais, as implicações são enormes. Queiramos ou não, os indicadores são parte do léxico renovado.

c) **A emergência das ONGs como atores e os novos sujeitos coletivos:** a visibilidade obtida pelas ONGs na última década trouxe consigo a valorização do seu papel, a maior evidência de suas ações e novas exigências em termos de transparência, divulgação e prestação de contas (accountability, frente a um número maior de organizações e setores da sociedade (cf. texto pág. 14).

- As necessidades de ampliação de legitimidade e das bases de apoio social, político e financeiro, tornam imperativa a apresentação e divulgação pública de objetivos e resultados. (texto pág.14).
- A ação cada vez mais articulada sob a forma de redes e fóruns, de caráter propositivo em torno de políticas setoriais e de desenvolvimento em escalas local, nacional e internacional, demanda a instauração de mecanismos e parâmetros eficazes de monitoramento e avaliação dessas políticas. A utilização de indicadores, a partir de objetivos e metas ou a partir de referências alternativas, é um dos pilares da atuação de várias destas organizações.

3. **O desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores: desafios, características, implicações.**

3.1 - *desafios que se apresentam ao desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores.*

Para ser útil ao conjunto das ONGs e movimentos, os mesmos precisam:

- 3.1.1. Considerar o conjunto diversificado de suas necessidades
- 3.1.2. Verificar se é possível indicar perguntas, procedimentos e critérios que as ajudem a tomar decisões
- 3.1.3. Estruturar seu sistema, fazê-lo funcionar e trazer ganhos.

3.1.4. Analisar experiências já existentes. No decorrer desta primeira oficina foram apresentadas, embora ainda não analisadas, 3 experiências desenvolvidas por ONGs que integram o GT/Indicadores:

- a) A experiência do IBASE (RJ) = Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, o qual abordou as diferentes formas que vem adotando para organizar e implantar sistemas de indicadores em suas práticas institucionais envolvendo atores internos e externos; projetos e programas diferenciados; contextos locais e globais.
- b) A experiência do INSTITUTO POLIS (Instituto de Pesquisas em Políticas Sociais), o qual demonstrou como foi construído o “Índice Paulista de Responsabilidade Social”, a ser utilizado pelo Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Humana - CONDEPE na pré-seleção de municípios para o Cadastro Estadual de Inadimplentes Sociais. (o texto, nas páginas 21 a 26 descreve conteúdos da fala do POLIS. O POLIS demonstrou também como foi organizado o Mapa da Exclusão / Inclusão Social).
- c) A experiência do Projeto de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o qual ilustrou o processo de construção de um sistema de indicadores que ao mesmo tempo contempla os referenciais teórico-políticos e operacionais do Projeto, bem como os referenciais das bases populares com as quais trabalha, procurando, através de um pacto, estabelecer bases comuns para a elaboração de indicadores relacionados à geração de renda, à cidadania, autonomia e auto-sustentabilidade.

3.1.5. Analisar mais a fundo as metodologias existentes, identificando nelas suas possibilidades, limites e as lições da prática. O texto “Um Panorama sobre o Estado da Arte do Debate sobre Indicadores”

apresenta, nas páginas 15 até 45 diferentes metodologias que sistematizam práticas sociais relacionadas ao uso de indicadores, dos quais se destacam:

- a) **Indicadores de “situação” ou contexto** : exemplos: PIB = Produto Interno Bruto; IDH= Índice de Desenvolvimento Humano; IDHM = Índice de Desenvolvimento Humano Municipal; Índice Social dos Municípios; Índice Paulista de Responsabilidade Social; Mapa da Exclusão/ Inclusão Social; ICV= Índice de Condições de Vida; PBSO= Projeto Brasil Sustentável e Democrático. (cf. texto páginas 15-19).
- b) **Indicadores como ferramenta para a avaliação, monitoramento e gestão de políticas**: exemplos: ICC = Índice de Cumprimento de Compromissos; DLIS = Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável; IPRS = Índice Paulista de Responsabilidade Social; IEX - Mapa da Inclusão e Exclusão Social. (cf. texto pág. 20 a 25).
- c) **Indicadores como ferramentas de avaliação de práticas e programas sociais promovidos por atores da sociedade civil**: exemplos: Balanço Social (IBASE), FSC - Forest Stewardship Council = Certificação de Produtos Florestais; “Selos”, exemplo: selo da Fundação ABRINC, “Empresa Amiga da Criança”, etc. (cf. texto pág.25 a 29).
- d) **Indicadores como ferramentas de gestão (sistemas de PMA)** : exemplos: O Marco Lógico e suas derivações: ZOPP = Planejamento de Projetos Orientados para Objetivos; PCM = Project Cycle Management; Os Marcos do Desenvolvimento de Base = MDB; (cf. texto pág.29-40).
- e) **Indicadores como instrumentos de aprendizagem e desenvolvimento institucional** : exemplo: o PIM = Project Impact Monitoring = Monitoramento Participativo do Impacto. (cf. texto pág.40-45).

3.1.6 - A análise, mais a fundo, das metodologias existentes, no processo de desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores, não tem por objetivo necessariamente superar estas metodologias, mas articulá-las ou apresentá-las como opções. (cf. texto pág.52). O desafio será contemplar em passos, perguntas e instrumentos os aspectos e dimensões que identifiquemos como ausentes em suas proposições.

3.2 - *Desafios específicos que se colocam para o GT/ Indicadores o qual adotou o “desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores”, como proposta de trabalho. Os desafios aqui apresentados refletem as questões levantadas ao final da Oficina 1, no dia 15/9.*

3.2.1 - Clarear conceitos para ter claro o processo e o produto.

a) Clarear conceitos sobre em que consiste o desenvolvimento desta metodologia de construção de sistemas de indicadores. Clarear melhor o entendimento sobre o que se quer dizer com “metodologia” enquanto processo, desdobrando mais aquilo que já está explícito no início desta memória.

b) Clarear conceitos sobre o desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores enquanto “produto” do GT. Clarear a dimensão de processo deste produto.

3.2.2 - Ater-se a um processo que permita a construção de um “produto coletivo”, que expresse um processo coletivo de construção participativa.

3.2.3 - Não cair na armadilha de criar a “promessa de oferecimento de um produto ideal, acabado”.

3.2.4 - Desenvolver mecanismos que garantam a “sustentabilidade” do produto gerado ao longo de dois anos de trabalhos do GT:

a) facilitar processo de discussão e troca entre os membros executivos do GT, os participantes das oficinas e do processo, os membros que comparecem às reuniões da Plataforma.

Evidenciar que os reflexos dos trabalhos do GT para além da Plataforma não são de responsabilidade do GT, embora se reconheça que o processo por ele desenvolvido, enquanto cada membro da Plataforma também está envolvido com atores externos a ela, vá trazer insumos para a continuidade e sustentabilidade dos produtos tanto do GT como de cada ONG envolvida.

b) contemplar sempre o conjunto das ONGs.

3.2.5 - Afirmar uma posição clara diante da Plataforma, orientando na direção de um novo pacto com Novib sobre Indicadores, considerando diversidades de público, de institucionalidades (regiões, temas, formas de ação, etc).

3.2.6 - Considerar as práticas e instrumentais já existentes.

3.2.7 - Cuidar dos pactos:

a) no interior das ONGs

b) no interior deste GT

3.2.8 - Garantir troca de experiências

3.3 - *Possíveis características que a Proposta Metodológica produzida no decorrer do processo de trabalho do GT, poderia fomentar e possibilitar:*

3.3.1 - A busca e explicitação de referências teórico-políticas.

O conjunto de textos produzidos pelo GT/Indicadores em seu primeiro ciclo de atividades e apresentado na “série indicadores1”, distribuído na Plataforma do ano 2000, notadamente o texto de Chico de Oliveira, traz elementos que permitem abordagens teórico-políticas, ao analisar Cidadania e Democracia . O texto desta primeira oficina também faz referência ao documento anterior.

3.3.2 - A análise do contexto em que se move.

O estudo de Chico de Oliveira também faz uma análise do contexto em que se move a realidade relacionada à Cidadania e Democracia, no âmbito da exclusão social.

- 3.3.3 - A percepção dos atores, relações de accountability e diálogo com eles sobre demandas de informação e análise.
- 3.3.4 - A ênfase na aprendizagem e accountability institucional
- 3.3.5 - A integração no sistema de PMA existente e a apresentação de orientação e/ou diretrizes para que gere análises articuladas ao processo de avaliação institucional.
- 3.3.6 - A escolha de prioridades políticas e técnicas de informação relevante, articulada ao sistema decisório e ao processo de diálogo com atores.
- 3.3.7 - A utilização de critérios e diretrizes para analisar a viabilidade política, técnica e operacional de conjuntos ou sistema de indicadores.
- 3.3.8 - A orientação ao desenho dos processos de envolvimento e diálogo com atores com os quais se relaciona.
- 3.3.9 - Orientações técnicas e metodológicas para identificação consistente e coerente de campos e ou categorias, variáveis, indicadores, fontes de informação e verificação.
- 3.3.10 - Orientações e/ou/critérios para incorporação progressiva e internalização na instituição. Esta primeira Oficina já trouxe propostas relativas a este item durante os debates, conforme discussão ocorrida no sábado, dia 15/9:
- destacar a importância da internalização nas instituições.
 - investir na discussão interna.
- 3.3.11 - Gestão e manutenção do sistema de indicadores.
- Uma mesma ONG pode ter de adotar vários sistemas de indicadores, dependendo da diversidade de sua inserção prática no social. Exemplo: Se a ONG trabalha com saúde, necessita se valer de um sistema de indicadores de saúde; se ela atua no campo do meio ambiente, terá necessidade de trabalhar com um sistema de indicadores ambientais, etc.

4. - Destaques feitos pelos participantes durante atividades em grupo e plenárias

Estão aqui apenas retratados os destaques trazidos anotados nas plenárias. Não está aqui uma memória completa dos debates registrados de forma completa nas fitas gravadas durante a oficina.

- 4.1. *Predominou a concordância com relação à possibilidade de definirmos parâmetros comuns, desde que estes não sejam entendidos como normas e sim como processos comuns que envolvam atores diferenciados, pactos politicamente diferenciados, como uma forma democrática de construção de sistemas de indicadores.*
- 4.2. *Considerou-se possível construir e utilizar indicadores com base nos valores de Democracia e Cidadania. Pontos que permeariam esta base:*
- *Processos dinâmicos, circunscritos em determinadas áreas, diferentes tempos e diferentes sujeitos .*
- 4.3. *Considera-se a necessidade de, nos trabalhos do GT, aprofundar a questão relativa à sociedade Civil e ao Estado, sobretudo com algumas mudanças significativas com relação a Municípios e Estados com governos populares e/ou progressistas.*
- 4.4. *No âmbito de políticas de Estado, evidenciou-se a necessidade de construir processos democráticos de controle social, com participação de diferentes atores, superando/evitando cooptações e garantindo a transparência na aferição dos processos.*
- 4.5. *Também no âmbito do Estado, processos dinâmicos, circunscritos em determinadas áreas/tempo e envolvendo diferentes sujeitos, elaborados pela sociedade civil (ONGs, Movimentos organizados), poderão ser bases concretas para intervenção em políticas públicas.*
- 4.6. *Com relação a Organizações da Sociedade Civil e ao Público com elas envolvido, constatou-se a necessidade de se superar o corporativismo; rever os valores em relação à transparência e participação; investir no accountability; construir e/ou consolidar uma cultura de reflexão sobre a práxis.*
- 4.7. *Na análise que relaciona o trabalho de indicadores com as Agências de Cooperação, considerou-se que é preciso evitar a “flicção compartilhada” (cf. texto*

pág.34) na elaboração de indicadores : dar ênfase aos processos e diálogos para a consecução do monitoramento. Constatou-se também aqui a necessidade de superar a “lógica do mercado” e efetivar as Redes e Alianças, gerando novos pactos e atualizando os já existentes.

4.8. Na relação com os públicos com os quais as ONGs estão comprometidas, a construção de sistemas de indicadores passa pela necessidade de se estabelecer diversos pactos, o que requer:

- Sensibilização/envolvimento nas questões sociais, qualificando a visibilidade dos resultados e produtos.
- Desenvolvimento de transparência como linguagem fundamental para estabelecer indicadores.
- Democratização da informação e da comunicação.

4.9. Principais desafios mencionados quanto ao uso dos indicadores:

- a) não serem transformados em, mecanismos de controle: dependem do processo de construção dos pactos (clareza, aceitáveis, compartilhados e compreensíveis).
- b) não absolutizar os indicadores como única forma de medição.
- c) fazê-los expressar a governabilidade e a capacidade dos atores.

5. O Projeto do GT : Natureza e forma de redação

- A reapresentação do Projeto do GT/ Indicadores levou a que houvesse as seguintes apreciações:

5.1. O projeto, na forma como está redigido e apresentado, não expressa a riqueza do processo já iniciado.

5.2 . Será preciso re-escrever o Projeto, tornando mais explícitas e detalhadas as abordagens que demonstrem a verdadeira dimensão (conceitual, metodológica), do processo que o GT quer e já está imprimindo.

5.3 - É preciso caracterizar positivamente a proposta como uma proposta diferente daquela iniciada no primeiro ciclo do GT, ou seja, o projeto não irá trabalhar a construção de uma listagem de indicadores macro-sociais como se pretendia originalmente, mas sim, irá trabalhar, sob forma de processo,

coletivamente, o desenvolvimento de uma metodologia de construção de sistemas de indicadores; esta metodologia será um instrumento de apoio para que cada ONG individualmente e/ou em conjunto com outras participantes da Plataforma possam elaborar elas mesmas seus sistemas de indicadores.

5.4 - Para tanto, ficou acertado: A Aditepp enviará o Projeto a cada participante da Oficina (o texto já seguiu 2ª feira, dia 17/09). Cada participante acrescentará sugestões de redação e as enviará à Aditepp por e-mail no prazo de 3 semanas, até 10 de outubro o mais tardar. Em reunião com o GT, no sábado dia 15 à tarde, ficou acertado que Jorge Kayano (Polis), Cristina Simião (ADITEPP) e Cléia Silveira (EASE/SAAP) irão cuidar da redação final do Projeto, a partir das contribuições de todos os participantes da Oficina, a fim de que o mesmo possa adquirir uma forma mais apropriada à realidade do processo em andamento.

5.5 - Este documento, contendo a memória da oficina poderá igualmente servir de insumo a fim de que cada um possa propor uma nova redação do Projeto.

Curitiba, 23 de Setembro de 2001

Cristina Schroeter Simião
Aditepp.